

APRESENTAÇÃO

*“Aux Orchidées j'ai sacrifié les joies de ma jeunesse;
aux palmiers les loisirs de l'âge mûr.”*

(Barbosa Rodrigues)

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro, nestes 181 anos de existência, experimentou períodos de grande pujança científica, entrecortados por épocas de um marasmo indescritível. Teve dirigentes, cientistas, técnicos e jardineiros com excepcional nível de conhecimento e dedicação incontestável, mas também conviveu com pessoas desqualificadas e desinteressadas. A mais importante lição a ser extraída desta trajetória é a de que, hoje, sua sobrevivência altaneira, abrigando mais de meia centena de pesquisadores, está intimamente ligada a alguns dirigentes e cientistas que por aqui passaram e fincaram linhas programáticas estratégicas. Dentre todos, talvez o que mais tenha tido esta visão prospectiva foi o Prof. João Barbosa Rodrigues.

Carioca, nascido em 22 de junho de 1842, bacharel em Ciências e Letras, tendo obtido distinção e louvor em Economia Política, bem como em Direito, além de sua atuação marcante no campo da botânica, Barbosa Rodrigues incursionou com sucesso e sensibilidade pelas áreas da geografia, etnologia e antropologia. Publicou cerca de cem trabalhos, valendo registrar que já aos 26 anos de idade escrevera *Iconographie des Orchidées du Brésil* e que fora o primeiro diretor do Museu Botânico do Amazonas, vivendo naquela região por três intensos e produtivos anos.

Suas especialidades eram as palmeiras e as orquídeas, tendo publicado, na Bélgica, o magistral *Sertum Palmarum Brasiliensium*, obra que inscreveu seu nome entre os dos maiores naturalistas brasileiros.

Sua ação enérgica, decidida e criativa foi colocada a serviço do nosso Jardim Botânico por 19 anos, a contar do dia 25 de março de 1890, período em que realizou obras básicas para o futuro da instituição: prédios, estufas, aquário, herbário, biblioteca, bem co-

mo organizou e ampliou o Arboreto, dando-lhe uma configuração científica.

A sua passagem por esta Casa, com o espírito empreendedor que lhe era inato, trouxe-lhe, também, além do reconhecimento de seus pares e da comunidade local, muitos ressentimentos e incompreensões por parte de políticos inescrupulosos, pelo zelo com que defendia os limites da Casa de D. João VI e seu parque florístico.

Neste ano em que o Jardim Botânico inicia as comemorações do centenário de implantação de sua biblioteca — que hoje possui um acervo de aproximadamente 31.000 obras, sendo que 1.600 destas consideradas raras — e de seu herbário — com mais de 400 mil exsiccatas, além do preparo de cerca de 200 mil outras para inserção no mesmo — nos pareceu mais do que justo homenagear o homem que os concebeu, implantou e dinamizou.

A escolha do *Hortus Fluminensis*, editado em 1894, deveu-se ao belo e preciso resumo histórico aí contido, tanto que reeditamos apenas a parte atinente ao mesmo, já que o objetivo buscado é o de oferecer uma visão panorâmica do período compreendido entre sua fundação, em 1808, e o ano de 1893, época em que os originais foram entregues à Tipografia Leuzinger.

Inserimos, ainda, como apêndice final, a Galeria dos Ex-Diretores da Casa, num reconhecimento simbólico da atual administração a quantos por aqui passaram e, de alguma forma, alicerçaram as bases para que, neste ano, pudéssemos inaugurar o Minicampus de Plantas Medicinais, o gradil frontal do Jardim Botânico, a ampliação do Pavilhão de Pesquisas, com a duplicação do nosso herbário, além de permitir a introdução da informática científica, atualização de todas as publicações científicas da Casa, proceder ao equipamento com material ótico de última geração dos laboratórios, possibilitando o aperfeiçoamento de pesquisadores e técnicos em cursos de pós-graduação, o que consolida nossa posição privilegiada entre os Centros de Excelência em botânica, a nível internacional, cumprindo, desta maneira, a vocação histórica que D. João VI pretendeu ao criá-lo.

Sergio de Almeida Bruni
Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
